

# CRISTOLOGIA: A HUMANIDADE DE JESUS CRISTO

CERQUEIRA, Niander Aguiar <sup>1</sup> e MARTINS, Douglas José Peixoto <sup>2</sup>

## Resumo

O presente estudo pretende aprofundar a visão sobre a temática Cristologia: a humanidade de Jesus Cristo, visto que sua divindade não pode ser desassociada de sua humanidade. Para alcançar a proposta delineada, um ensaio foi sistematizado na intenção de traçar a natureza dual de Cristo, a identidade, a divindade, a humanidade e a sua vida humana religiosa. Esboçar os pressupostos da humanidade de Cristo, considerando as características divinas e humanas de Sua pessoa é o objeto central do trabalho em foco, visto que Jesus é Deus e homem, uma compreensão nata a ser ressaltada no delinear do corpo do artigo. Jesus Cristo é Deus verdadeiro e é homem verdadeiro, é aquele que nasceu como Filho de Deus sem pecado porque Sua encarnação é produto do amor do Pai e Sua vida humana é exemplo de harmonia, obediência e salvação. Toda análise adequada sobre o presente questionamento do tema a respeito, será ancorada na perceptiva de autores especialistas no assunto, bem como na Bíblia sagrada acrescentando ainda mais veracidade na explanação do tema.

Palavras-chave: cristologia. humanidade. identidade.

## Abstract

The present study intends to deepen the view on the topic of Christology: the humanity of Jesus Christ since his divinity cannot be dissociated from his humanity. To achieve the outlined proposal, an essay was systematized to trace Christ's dual nature, identity, divinity, humanity, and his religious human life. Describing the presuppositions of

---

<sup>1</sup> Doutor; Itaperuna-RJ, niander.aguiar.cerqueira@hotmail.com

<sup>2</sup> Discente; Centro Universitário UniRedentor, Itaperuna-RJ, doug.peixoto@yahoo.com.br

Christ's humanity, considering the divine and human characteristics of His person is the central object of the article in focus since Jesus is both God and man, a born understanding to be highlighted when outlining the body of the article. Jesus Christ is true God and true man, He is the one born as the sinless Son of God because His incarnation is the product of the Father's love and His human life is an example of harmony, obedience, and salvation. All proper analysis on the present questioning of the theme will be anchored in the insight of authors who are experts on the subject, as well as in the Holy Bible, adding even more veracity to the explanation of the theme.

Keywords: christology; humanity; identity.



## 1 INTRODUÇÃO

A Cristologia é o estudo da relação existente entre o divino e o humano em Jesus Cristo, auxiliando a compreender a razão pela qual a Bíblia declara que Cristo é completamente homem e completamente Deus.

No mesmo sentido, Cristo é único e não há nada que possa comparar-se a Ele, de tal forma que sem Cristo a história da humanidade se torna incompreensível. Porém, Cristo se torna incompreensível se não se consideram Nele duas naturezas: a divina e a humana.

Visualizar Cristo apenas como Deus é ver apenas a metade da verdade, assim como visualizá-lo apenas como homem tem o mesmo resultado, porque Ele é Deus manifestado em carne.

Ainda assim, Sua deidade não pode ser separada de Sua humanidade ou vice-versa, pois Cristo é o Deus verdadeiro e o homem verdadeiro. Na encarnação, a Deidade e a humanidade se uniram inseparavelmente em Cristo e, assim, Ele é homem e Deus completo – não uma parte de Deus, nem um componente de Deus, nem uma pessoa divina e diferente de outras.

Da mesma forma que a deidade de Jesus Cristo não pode ser separada de Sua humanidade, não se pode crer que é possível dissociar a vida diária, o cotidiano familiar, social e profissional, da vivência espiritual.

Com base nessas hipóteses, o estudo pretende responder a seguinte questão: Quais os pressupostos da humanidade de Cristo, considerando as características divinas e humanas de Sua pessoa?

O tema derivado desse questionamento é a humanidade de Jesus Cristo, destacando-se sua relevância pessoal e acadêmica, uma vez que a abordagem da Cristologia sobre a humanidade de Cristo é indissociável da fé, mas também de sua manifestação prática.

Ainda, sendo Cristo a figura central de toda realidade cristã, nenhum estudo teológico que não considere a Sua humanidade como central pode ser capaz de revelar de forma completa a plenitude da Sua pessoa.

O objetivo geral é apresentar os pressupostos da humanidade de Cristo, considerando as características divinas e humanas de Sua pessoa. Para dar suporte, os objetivos específicos pretendem compreender a natureza dual de Cristo em uma formulação sistemática; estabelecer os pressupostos da identidade divina de Cristo, destacar a humanidade de Cristo indissociável de Sua divindade e ressaltar a vida religiosa humana de Jesus Cristo.

O estudo segue a metodologia de pesquisa e coleta de informações de ordem teórica, viabilizada através de levantamento de bibliografia referente ao tema para a obtenção de informações específicas e a geração de conhecimentos.

A abordagem do problema aporta-se na pesquisa qualitativa, pois busca a análise de dados para a elaboração do trabalho a partir de fontes fidedignas sobre o tema em questão e quanto aos objetivos é exploratória, realizando a busca de dados para sua elaboração em diversos meios, através da consulta a vários títulos de autores renomados, buscando assim embasamento teórico, ideias e linhas de pensamento para enriquecer e melhor fundamentar as conclusões.

Destaca-se ainda que, o estudo busca a fundamentação das reflexões realizadas nas Escrituras, essenciais para a comprovação das ideias trazidas pelos autores pesquisados.

## 2 A NATUREZA DUAL DE CRISTO EM UMA FORMULAÇÃO SISTEMÁTICA

As Escrituras são claras em sua descrição de Jesus Cristo como homem e Deus, desempenhando o papel do divino e do humano – dois papéis que muitas vezes são abordados separadamente.

Em Cristo, o Espírito infinito se uniu com a humanidade finita para converter-se em Filho de Deus. Estas duas naturezas parecem mutuamente excludentes, pois a deidade é infinita em conhecimento, poder e presença, enquanto a humanidade é limitada em conhecimento, poder e presença. Para compreender como é possível que dois mundos distintos – Deus e homem – se unem em uma única existência é que a Cristologia busca respostas (ARRINGTON; STRONSTAD, 2003).

Conforme Arrington e Stronstad (2003), ainda que a Bíblia infira que existe uma relação entre a deidade e a humanidade de Cristo (união hipostática), nenhuma passagem foi escrita especificamente para explicar sua mecânica. Os escritores do Novo Testamento simplesmente afirmaram que era verdadeira.

O que se deve fazer, então, é investigar meticulosamente tudo o que Cristo disse sobre si mesmo, em relação com Sua identidade (seu autoconceito) e as declarações feitas pelos escritores do Novo Testamento quanto à Sua natureza dual para compreender de que forma as duas naturezas de Cristo podem ou não se relacionar entre si.

Observa Berkhof (2012) que como Jesus Cristo era da linhagem de Abraão e Davi (João, 7,42; Atos, 13,22.23; Romanos, 1,3; Hebreus, 2,16), necessariamente recebeu DNA humano, genes e cromossomas. Dado que a composição genética de Jesus foi recebida da linhagem de Abraão, Isaque e Jacó, não apenas era humano, mas também judeu, porque Sua mãe e sua família eram judeus.

Jesus Cristo nasceu de uma mulher judia, na nação dos judeus, com costumes, hábitos e culturas judaicas, via a si mesmo e agia como qualquer outra pessoa judia (João, 2,1-2). Ainda que Sua concepção tenha sido milagrosa, nasceu como qualquer outro ser humano, cresceu física, intelectual, social e espiritualmente como qualquer outro homem (Lucas, 2,40) (BERKHOF, 2012).

Ainda, Jesus Cristo não sabia que era Deus manifestado na carne quando nasceu; sua mente humana ainda não o sabia nem compreendia e deu-se conta disso no futuro. Quando e como isso ocorreu não é discutido na Bíblia, mas sabe-se que Ele entendeu Sua identidade ao menos na idade de doze anos, no momento em que disse a Maria: “Não sabes que devo ocupar-me dos assuntos de meu pai?” (BÍBLIA SAGRADA, Mateus, 3,17, *passim*).

Como analisam Arrington e Stronstad (2003), na infância, Jesus viveu como qualquer outra criança judia, aprendendo e memorizando as escrituras hebraicas, aprendendo a banhar-se, a alimentar-se, a falar, aprendendo um ofício, etc. Contou com uma natureza humana completa, que diferia apenas da natureza dos demais por ter nascido sem pecado, embora isso não o tornasse menos humano que os demais, porque também Adão e Eva existiram sem a natureza do pecado antes de transgredirem.

Contudo, Cristo foi mais humano do que os homens justamente porque não foi contaminado pela natureza do pecado, não viveu uma existência que limitasse Sua relação com Deus. Não estando limitado pelo princípio do pecado nem preso aos seus efeitos, não se alienou de Deus. Mesmo tendo nascido como qualquer homem, foi concebido de forma diversa; não teve um pai humano, mas foi engendrado pelo Espírito Santo (Mateus, 1,20; Lucas, 1,34.35). Deus era Seu pai e Cristo recebeu Sua deidade de Seu Pai.

Cristo teve uma mãe humana, mas ela concebeu em seu ventre de forma diferente de qualquer outra (Gálatas, 4,4). Ao invés das relações sexuais e da fertilização pelo esperma, o anjo, disse a Maria: “Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus” (Lucas, 1,35). Foi neste momento que Deus se tornou humano como um feto, no ventre de Maria.

Parte da deidade de Jesus Cristo foi recebida do Pai e parte de sua humanidade foi recebida de Maria (Lucas, 1,34.35; Gálatas, 4,4), o que nunca poderá ser completamente compreendido, mas deve ser aceito pela fé.

Devido ao fato de que Cristo foi concebido pelo Espírito Santo e não pelo homem, é chamado de Filho de Deus. Ainda que os homens também sejam chamados de filhos de Deus (1João, 3,2), a filiação é diferente da de Cristo, pois os homens são adotados como filhos de Deus (Romanos, 8,14-17) e Jesus Cristo nasceu como Filho de Deus (Lucas, 1,35), ou seja Seu Ser existiu por obra do Espírito Santo.

Além disso, Jesus Cristo não haveria existido sem as contribuições de Seu Pai. Dado que Deus engendrou fisicamente a Cristo através da concepção milagrosa, Ele é o Filho de Deus em sentido físico e os homens são filhos de Deus em sentido espiritual. A diferença entre Jesus Cristo e os homens, então, é que a existência de Cristo depende do Pai, enquanto a existência humana não.

Nesse sentido, conforme Segraves:

O milagre da concepção virgem significa que a deidade e a humanidade eram tão inseparáveis em Jesus como a influência genética de uma mãe e um pai é inseparável em seu filho ou filha. Assim como nenhum ser humano poderia existir se tudo o que contribuiu para sua existência, seja por seu pai ou por sua mãe, foi eliminado, assim Jesus não poderia ter existido como o Messias sem sua deidade (contribuído pelo Espírito Santo [LUCAS, 1,34.35] ou sua humanidade (tributada por Maria) [GÁLATAS, 4,4]. (SEGRAVES, 2010, p. 1).

Conjectura-se que essa união demonstra a permanência da encarnação. Uma vez que Deus assumiu a humanidade em Sua concepção no ventre de Maria, adquiriu uma identidade que conservaria pelo resto da eternidade. A humanidade de Jesus, portanto, não é algo que possa ser descartada ou se dissolva novamente na Deidade, mas que sempre existirá, sendo Cristo um ser humano glorificado e Deus ao mesmo tempo (SEGRAVES, 2010).

Sua humanidade está permanentemente incorporada à Deidade. Deus não apenas viveu em carne como homem, mas a “Palavra se fez carne” (João, 1,14). Deus passou a ser um homem, o que não significa que já não existe como Espírito onipresente, mas que Sua existência como homem é autêntica e permanente.

Comenta também Schaeffer (2010, não paginado) que Jesus Cristo não simplesmente vestiu uma “túnica de carne” quando veio à terra; Ele era mais que um Deus “em pele humana”. Este tipo de declaração implica em uma separação das naturezas de Jesus, como se Ele fosse dois indivíduos separados vivendo em um só corpo.

A humanidade de Cristo não era independente de Sua deidade. A deidade e a humanidade que compreende Sua existência não devem ser vistas como uma espécie de situação análoga a dois indivíduos que dividem a mesma casa, na qual existem duas entidades na mesma área, mas na realidade estão separadas entre si. Em Cristo “o Espírito de Deus estava complexa e inseparavelmente unido à humanidade” (SCHAEFFER, 2010, p. 27).

Postula-se que um exemplo da Química, citado por Edwards (2014), poderia demonstrar esse fato. Uma mistura pode ser separada em suas substâncias originais depois de misturadas. Enquanto as misturas (compostos físicos) podem ser separadas novamente, os compostos químicos formam uma nova substância da qual as substâncias originais nunca mais podem ser separadas do composto.

As duas naturezas em Jesus Cristo não devem ser vistas como misturadas. Suas naturezas não podem ser separadas, embora esta analogia apenas pode demonstrar a permanência da encarnação e não a união metafísica das duas naturezas de Cristo (EDWARDS, 2014).

Edwards (2014) comenta que a deidade e a humanidade de Cristo não formaram uma nova substância a partir dos dois, conhecida como *tertium quid*, já que cada natureza conservava todas as suas respectivas “propriedades”. A deidade não estava comprometida pela humanidade e a humanidade não estava comprometida pela deidade; ambos perfeitamente conservados em sua integridade e autenticidade, mas unidos em todos os sentidos.

Para o autor supracitado (2014), a deidade não estava obscurecida pela humanidade completa e tampouco a humanidade estava ocupada pela plenitude da deidade. A plenitude da deidade de Deus se manifestou em cada aspecto de sua humanidade genuína; integrado e não segregado.

### 3 A IDENTIDADE DE JESUS CRISTO

Cristo é ao mesmo tempo Deus e homem; é o único Deus encarnado, “porque nele habita corporalmente toda a plenitude da Deidade (Colossenses, 2,9). “Deus estava em Cristo reconciliando consigo ao mundo” (2Coríntios, 5,19).

Ainda, Cristo é a imagem de Deus invisível, Deus manifestado em carne, Deus e Salvador e a imagem mesma da substância de Deus (2Coríntios, 4,4; Colossenses, 1,15; 1 Timóteo, 3,16; Tito, 2,13; Hebreus, 1,3; 2Pedro, 1,1). Ele não é a encarnação de uma das pessoas de uma trindade, mas a encarnação de todo o caráter, a qualidade e a personalidade do único Deus.

Reconhecer a deidade de Jesus Cristo é essencial para a salvação, já que Ele disse: “morrereis em vossos pecados se não crerdes que eu sou” e “antes que Abraão existisse, eu sou” (João, 8,24-58). Ele apenas tem poder para salvar do pecado sendo verdadeiramente Deus, pois apenas Deus é o Salvador e apenas Ele pode perdoar o pecado (Isaías, 43,35; 45,21.22; Marcos, 2,7).

Todos os nomes e os títulos que se referem à Deidade se aplicam a Jesus Cristo. Ele é Deus (João, 20,28), Senhor (Atos, 9,5), Jeová (Isaías, 45,23; Filipenses, 2,10.11), Eu Sou (João, 8,58), Pai (Isaías, 9,6; Apocalipse, 21,6.7), Verbo (João, 1,14) e Espírito Santo (João, 14,17.18).

Deus, o Pai, habitava dentro de Cristo, o homem, que disse: “Eu e o Pai somos um” (João, 10,30); “O Pai está em mim e eu Nele” (João, 10,38); “Não crês tu que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras.” (João, 14,9.10). A natureza divina de Jesus Cristo é o Espírito Santo (Gálatas, 4,6; Filipenses, 1,19), que é o Espírito do Pai (Mateus, 1,18-20). “O Senhor é o Espírito” (2Coríntios 3,17).

Jesus é Aquele que está no trono celestial, como se percebe ao comparar a descrição de Cristo que se encontra no Apocalipse 1 com a descrição Daquele que está no trono no Apocalipse 4 e na anotação de que Deus e O Cordeiro é um mesmo ser (Apocalipse, 22,3.4). Jesus Cristo é também o Filho de Deus e o termo Filho apenas pode significar a natureza humana de Cristo (como o Filho morreu) ou pode significar a união de deidade e humanidade (como “o Filho voltará à terra em glória”), mas nunca pode ser utilizado afastado da encarnação de Deus.

Ainda, as Escrituras nunca se referem unicamente à deidade. Os termos “Deus o Filho” e “Deus eterno” não são bíblicos. O papel do Filho iniciou quando Jesus Cristo foi milagrosamente concebido no ventre de uma virgem pelo Espírito Santo (Lucas, 1,35; Gálatas, 4,4; Hebreus, 1,5).

As Escrituras proclamam enfaticamente a completa e genuína humanidade de Cristo (Romanos, 1,3; Hebreus, 2,14-17; 5,7.8). Jesus Cristo tinha um corpo, alma, espírito, mente e vontade que eram profundamente humanos (Lucas, 22,42; 23,46; Atos, 2,31; Filipenses, 2,5; Hebreus, 10,5,10).

Cristo corresponde à descrição do que se compreende como sendo um humano perfeito, com todas as características que a definição da humanidade genuína contempla e inclui. A Sua verdadeira humanidade não significa que Ele tinha uma natureza pecaminosa, pois era sem

pecado, não cometeu pecado, o pecado não estava Nele (Hebreus, 4,15; 1Pedro, 2,22; 1João, 3,5). Ele veio com a mesma natureza inocente que Adão e Eva tiveram no princípio.

Crer na verdadeira humanidade de Cristo é essencial para a salvação (1João, 4,3). Se Deus não veio verdadeiramente na carne, então não há sangue para a remissão de pecados, não há sacrifício. O propósito mesmo da encarnação era prover um homem santo para mediar entre o Deus santo e a humanidade pecaminosa.

Observa Cottrell (2017) que é necessário distinguir claramente entre a deidade e a humanidade de Cristo. Ainda que Cristo seja considerado como sendo Deus e homem, por vezes atuava do ponto de vista humano e por vezes do ponto de vista divino. Como Pai, por vezes falava a partir de sua autoconsciência divina; como Filho, a partir de sua autoconsciência humana.

Apenas como um homem Jesus poderia nascer, crescer, ser tentado pelo diabo, ter fome, ter sede, cansar-se, dormir, orar, ser açoitado, morrer, não conhecer todas as coisas, não ter poder, ser inferior a Deus, ser um servo. Apenas como Deus poderia existir na eternidade, ser imutável, expulsar demônios com sua autoridade, ser o pão da vida, dar água viva, dar descanso espiritual, acalmar a tempestade, responder às orações, curar doentes, ressuscitar da morte, perdoar o pecado, conhecer todas as coisas, ter todo o poder, ser identificado como Deus e ser Rei de reis. (COTTRELL, 2017).

Em uma pessoa comum, estas duas listas em contraste seriam mutuamente excludentes, mas as Escrituras as atribuem todas a Jesus Cristo, revelando Sua natureza dupla, dual. Ainda é preciso distinguir entre a deidade e a humanidade de Cristo, uma vez que é impossível separar ambas em Sua pessoa (João, 1,1-14; 10,30-38; 14,10.11; 16,32). Deus Pai se uniu à humanidade para formar um único ser. Esse ser é Jesus Cristo, a Deidade encarnada.

Comenta Cottrell (2017) que enquanto estava na terra, Cristo era plenamente Deus e não meramente um homem ungido. Por sua vez, era completamente humano e não apenas uma semelhança de homem. Possuía o poder, a autoridade e o caráter ilimitado de Deus. Era Deus por natureza, por direito, por identidade. Ele não se encontrava deificado por uma unção ou investidura. Diferentemente de um crente que se encontra cheio do Espírito, a humanidade de Jesus Cristo se encontrava indissociavelmente unida com toda a plenitude do Espírito de Deus.

Campos (2019) identifica quatro temas maiores na descrição bíblica da Encarnação: 1) a absoluta e completa deidade de Jesus Cristo; 2) a humanidade perfeita e sem pecado de Jesus Cristo; 3) a distinção clara entre a humanidade e a deidade de Jesus Cristo e; 4) a união inseparável de deidade e humanidade em Jesus Cristo.

## 4 A HUMANIDADE DE JESUS CRISTO

Em Romanos, 5,12-21, Paulo contrasta Adão a Jesus, chamando Jesus de aquele que havia de vir depois de Adão ou o último Adão (1Coríntios, 15,45-49). A analogia entre os dois apenas se dá em referência à sua impecabilidade e sua existência como causada por Deus.

Inclusive este último aspecto não tem um paralelo exato, porque como considera Campos (2019), Adão foi criado do pó da terra, enquanto Jesus Cristo foi engendrado por Deus e concebido no ventre de uma mulher. O único paralelo entre Adão e Jesus é que ambos estiveram livres do pecado.

Devido ao fato de que Adão perdeu sua vida sem pecado, trouxe como consequência a maldição do pecado e da morte sobre toda a humanidade. Então, Deus teve de vir como um homem sem pecado, vivendo em obediência perfeita como o “Deus-homem”, chegando inclusive, por sua obediência, à morte na cruz. (Filipenses, 2,8).

Por esta razão, Deus está em condições de outorgar sua justiça a todos aqueles que estão submetidos pelo domínio do pecado, revertendo assim a maldição provocada por Adão, trazendo a vida física e espiritual ao invés da morte física e espiritual (Romanos, 6,6; 6,9, 6,11, 6,14, 6,16-18, 6,20-23, 8,2). Jesus, o novo Adão, foi enviado para reverter os efeitos do pecado cometido pelo primeiro Adão e isso somente poderia ser feito na mesma humanidade da qual participava Adão.

Para ser um humano deve haver corpo, alma e espírito (1Tessalonicenses, 5,23). O homem é feito de uma parte material (corpo) e uma existência imaterial (alma e espírito). Se Jesus é verdadeiramente humano, se esperaria encontrar testemunhos bíblicos sobre a posse destes dois componentes da existência humana e isso pode ser facilmente comprovado.

O próprio Jesus deu testemunho de que Ele tem uma alma ao dizer "A minha alma está profundamente triste, numa tristeza mortal. Fiquem aqui e vigiem comigo". (Mateus, 26,38) ou “Agora a minha alma está perturbada; e que direi eu? Pai, salvame desta hora; mas para isto vim a esta hora” (João, 12,27).

Quanto ao Seu espírito, disse ao Pai: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Lucas, 23,46), da mesma forma como se pode perceber na passagem em que é narrado que “O menino crescia e se fortalecia, enchendo-se de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele (Lucas, 2,40) ou “E, suspirando profundamente em seu espírito, disse: Por que pede esta geração um sinal? Em verdade vos digo que a esta geração não se dará sinal algum” (Marcos, 8,12).

Jesus não apenas tem uma alma e um espírito humano, mas também conta com uma vontade humana. Em João, 5,30 disse: “Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma. Como ouço, assim julgo; e o meu juízo é justo, porque não busco a minha vontade, mas a vontade do Pai que me enviou”. No Horto do Getsemani, antes de sua crucificação, orou: “Pai, se queres, passa de mim este cálice; todavia não se faça a minha vontade, mas a tua” (Lucas, 22,42).

Do relato de Mateus se percebe que Jesus realmente fez esta oração três vezes (Mateus, 26,38-44). Este tipo de declarações de Jesus leva à conclusão de que Ele tem uma verdadeira vontade humana que está separada, ainda que completamente submetida à vontade de Seu Pai. De forma alguma o espírito humano de Jesus seria substituído por um espírito divino ou uma vontade divina. Se fosse este o caso, Jesus não poderia ser verdadeiramente humano em absoluto.

Também, como assinala Duffield:

Jesus teve uma natureza humana completa, que apenas se diferencia da natureza dos demais homens no fato de que Ele foi livre do pecado por meio do nascimento virginal e porque foi engendrado por obra do Espírito Santo. Isto não O faz menos humano que os demais, porque se sabe que Adão e Eva foram verdadeiros seres humanos e existiram sem a natureza pecaminosa antes de sua transgressão. (DUFFIELD, 2000, p. 57).

Em todos os casos, Jesus Cristo é mais humano que os homens, porque estes estão manchados pela natureza pecaminosa, vivem uma existência que limita sua relação com Deus. Jesus não foi limitado pelo pecado ou afetado por seus efeitos: a separação de Deus, a maldade, a doença (DUFFIELD, 2000).

Há uma grande quantidade de registros nas Escrituras referentes a esta importante verdade. É importante porque Deus necessitava de um sacrifício perfeito e puro para expiar o pecado. Um pecador não pode expiar os pecados de outros pecadores, como comprova Romanos, 8,3: “Porquanto o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne”.

A forma escolhida por Paulo para expressar a humanidade de Cristo é muito precisa. Se Paulo tivesse dito que Jesus veio “em carne de pecado”, teria negado Sua impecabilidade; se houvesse dito que Jesus veio “em semelhança de carne” teria negado sua autêntica humanidade. Paulo escolheu a redação que lhe permitiu comunicar a verdadeira natureza da encarnação: Jesus encarnou de verdade, mas sem pecado” (HORTON; MENZIES, 1995, p. 72).

Em apoio à autêntica humanidade de Jesus pode-se citar Hebreus, 2,14, que diz que Jesus participou da carne e do sangue, da mesma maneira que os seres humanos (“E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas, para que pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo). O versículo 17 aprofunda mais essa constatação, quando é dito: “Por isso convinha que em tudo fosse semelhante aos irmãos”.

João acreditou que a confissão da autêntica humanidade de Jesus Cristo é de tamanha importância que chegou a afirmar que aqueles que a negam têm o espírito do anticristo (1João, 4,1-3; 2João, 1,7). Para combater a heresia do docetismo (forma de gnosticismo), que nega a realidade da humanidade de Jesus Cristo, João afirmou que ele e outros haviam ouvido, visto, contemplado e tocado o relativo ao Verbo da vida (1João, 1,1-3). A humanidade de Jesus não foi uma mera farsa ou fachada, mas era certa e autêntica em todos os aspectos.

A Bíblia declara que Jesus era da semente de Abraão (Hebreus, 2,16) e da semente de Davi (João, 7,42; Atos, 13,22.23; Romanos, 1,3; 2Timóteo, 2,8). “Semente” é uma expressão para “filhos” ou “descendentes” e quando se fala de Cristo como a semente de Abraão se identifica a Ele com descendente do povo hebreu (João, 8,33; 8,37; Romanos, 11,1.2; 2Coríntios, 11,22).

Quando se fala de Cristo como a semente de Davi, Ele é identificado mais especificamente como possuidor da linhagem real de Davi. Porque Cristo veio através da linhagem de Davi, Ele será capaz de governar como rei no trono de Davi durante o Milênio (HORTON; MENZIES, 1995).

É neste momento que se cumprirá o pacto que Deus fez com Davi, que um rei de sua linhagem reinaria no trono para sempre (2Samuel, 7,8-19; Salmo, 89,3.4, 20- 37, 132,11; Jeremias, 33,25.26).

Se Jesus não fosse verdadeiramente humano, não poderia ser o rei da casa de Davi. Pedro entendeu que Jesus era o rei profetizado por Davi e que Jesus era um ser humano verdadeiro quando disse que Davi soube que “Deus lhe havia prometido com juramento que do fruto de seus lombos, segundo a carne, levantaria o Cristo, para o assentar sobre o seu trono” (Atos, 2,30).

Conforme Horton e Menzies (1995) o cumprimento do pacto Davídico é a razão pela qual Mateus e Lucas enfatizaram a genealogia de Cristo nos versículos iniciais de seus Evangelhos correspondentes. Maria estava dentro da linhagem de Davi e ainda que José não fosse o pai físico de Jesus, sendo seu pai adotivo, também estava na linha de Davi. Por meio do

nascimento virginal através de Maria, Deus foi capaz de qualificar para a realeza de Jesus Cristo.

Jesus experimentou todas as mesmas limitações físicas que qualquer homem: a fome (Mateus, 4,2; 21,18), a sede (João, 19,28), a fadiga (João, 4,6) e necessitou dormir (Marcos, 4,38). Seu corpo humano funcionou da mesma maneira que o corpo de qualquer outro homem.

A Bíblia também descreve a Jesus participando do mesmo tipo de qualidades emocionais e psicológicas que se encontram em outros homens; não era o homem inexpressivo, seco e estoico que se costumou pensar que fosse. Segundo a Bíblia, se compadece das fraquezas humanas (Hebreus, 4,15), pensava, raciocinava e sentia com qualquer outro homem.

É também registrado que amava (por exemplo, João, 13,23 fala do apóstolo “a quem Jesus amava”. Jesus teve compaixão por aqueles que estavam em crise ou experimentando algum dilema (Mateus, 9,36, 14,14, 15,32, 20,34), mas em outras ocasiões também demonstrou alegria (João, 15,11, 17,13; Hebreus, 12,2).

Não apenas se encontram emoções positivas em Jesus, mas também emoções “negativas”, como em Marcos, 3,5: “Irado, olhou para os que estavam à sua volta e, profundamente entristecido por causa do coração endurecido deles, disse ao homem: “Estenda a mão”. Ele a estendeu, e ela foi restaurada”.

As Escrituras dizem que quando os discípulos repreenderam aqueles que trouxeram as crianças a Jesus Ele “se indignou” (Marcos, 10,14). Esta expressão vem do grego *aganakteo*, que significa “ser movido pela indignação”. Esta mesma palavra é usada em Mateus, 20,24 para se referir aos sentimentos dos dez apóstolos para com a mãe dos filhos de Zebedeu, quando pediu a Jesus que seus filhos se sentassem um à sua direita e outro a sua esquerda em seu reino (HORTON; MENZIES, 1995).

A expressão também é usada em Mateus, 26,8 para demonstrar o assombro e a irritação pelo unguento caro que os apóstolos pensaram que havia sido desperdiçado quando a mulher ungiu os pés de Jesus com o conteúdo do frasco de alabastro. Esta palavra indica uma aversão grave, com toque de desgosto.

As Escrituras também indicam que em certos momentos Jesus Cristo não quis estar sozinho. Estava triste e angustiado em seu espírito antes de sua crucificação (Mateus, 26,37). No Horto do Getsemani, antes de ser traído, queria que Pedro, Jacó e João o acompanhassem na oração (Marcos, 14,32-34). Obviamente Ele não queria estar sozinho durante este tempo doloroso. Contar como conhecimento sobre o que ia acontecer havia perturbado sua alma e lhe causou grande dor e incômodo (Mateus, 26,37; João, 12,27).

Na cruz, Jesus exclamou: Eloi, Eloi, lamá sabactâni? que, traduzido, é: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? (Marcos, 15,34). Este é um grito humano que certamente resulta da sensação de solidão.

Em duas ocasiões Jesus, no templo de Jerusalém, derruba as mesas dos mercadores (João, 2,15; Mateus, 21,12 e Marcos, 11,15). Ainda que a ação fosse premeditada, não foi realizada sob algum tipo de raiva incontrolável, o que demonstra o aspecto emocional de Jesus Cristo.

Cristo estava realmente irritado com o povo. Sua cólera não significa que tenha pecado, porque é possível estar irritado sem cometer pecado (Efésios, 4,26). A ira de Jesus foi contra o pecado e a hipocrisia daqueles que se diziam santos e religiosos. Por vezes Deus é mostrado como estando irritado e sabe-se que Ele não peca em sua ira; portanto, seguramente Jesus podia estar irritado e ainda assim continuar a ser livre de pecado (Salmo, 106,40; Jeremias, 4,4).

Comentam Horton e Menzies (1995) que Jesus tinha limitações intelectuais, ainda que seja visto com quem sabia coisas que estão além do conhecimento humano. Algumas vezes também aparece ignorando alguns assuntos. O mesmo Jesus que conhecia os pensamentos dos homens (Lucas, 6,8; 9,47), com frequência é encontrado fazendo perguntas. Não há nada no contexto que indique que Jesus fez perguntas por qualquer outra razão que não seja para obter conhecimento sobre o que não sabia.

Aquele Jesus que sabia que a mulher samaritana havia tido cinco maridos no passado e que na atualidade estava vivendo com outro homem (João, 4,18) foi o mesmo Jesus que perguntou ao pai do epilético: “Quanto tempo há que lhe sucede isto?” (Marcos, 9,21), porque não sabia.

O mesmo Jesus que sabia que Judas o trairia e que Pedro o negaria (Mateus, 26,25; 26,34) é o mesmo Jesus que em outra ocasião declarou expressamente sua falta de conhecimento sobre Sua segunda vinda quando disse: “Quanto ao dia e à hora ninguém sabe, nem os anjos no céu, nem o Filho, senão somente o Pai” (Marcos, 13,32). Jesus não estava procurando ocultar aquele dia e hora aos discípulos, pois Ele realmente não podia dizer, já que ignorava.

Quando a mulher com o fluxo de sangue tocou a borda do manto de Jesus, Ele perguntou: “Quem tocou nas minhas vestes?” (Marcos, 5,30). Ele apenas sabia que alguém o havia tocado porque sentiu, mas não sabia quem o havia feito. Não foi senão até que a mulher se identificou que Jesus foi consciente de quem era esse alguém.

Também, para Horton e Menzies (1995) mesmo que por vezes Jesus tivesse conhecimento dos fatos passados, presentes e futuros ou de motivos dos corações de todos os homens, outras vezes estava tão limitado em conhecimento como qualquer outro ser humano.

## 5 A VIDA RELIGIOSA HUMANA DE JESUS CRISTO

Jesus Cristo teve também uma vida religiosa e como diz a Bíblia, foi à sinagoga de forma regular e habitual (Lucas, 22,40) e orou todas as noites antes de escolher Seus doze apóstolos (Lucas, 6,12).

Jesus confiou em Deus para ter força e orientação, da mesma forma com todos os homens o fazem.

Era comum para Jesus afastar-se para orar (Lucas, 11,1) e em uma ocasião foi a um monte, levando consigo os discípulos Pedro, João e Tiago, com o propósito de falar com Seu Pai para que O fortalecesse, quando ocorreu a transfiguração (Lucas, 9, 28-36).

Em diversas outras ocasiões Jesus se utilizou da oração para distribuir bênçãos. Os discípulos pensavam que o Mestre devia ministrar o poder aos doentes e talvez conquistar o reino terreno, mas Ele orou também pelas crianças (Mateus, 19,13-15) e por todos os injustiçados. Da mesma forma, ainda que a Bíblia não estabeleça ou especifique qual foi a oração que Jesus fez, o costume indica que era uma oração de benção para a vida destes.

Ainda, dentre as várias oportunidades em que Jesus orou, é possível fazer referência a uma oração específica de intercessão que fez por um de seus discípulos - Pedro. Em Lucas, 22,31.32, o Senhor diz a Pedro que Satanás lhe pediu para cirandar como trigo”, mas diz: “eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, quando te converteres, confirma teus irmãos”.

Este fato era parte do trato de Deus com relação à vida de Pedro, para corrigi-lo em algumas áreas de sua vida e prepará-lo para sua missão. A oração de intercessão protegeria Pedro para que não falhasse diante da prova, como ensina 1Coríntios, 10, 13-31.

Também na cruz do Calvário, Jesus enfrenta a morte mantendo uma profunda e inabalável comunhão com o Pai através da oração. As sete Palavras que foram pronunciadas por Ele no madeiro são expressões de oração com um grande sentido espiritual e humano. Entre elas se encontra a exclamação “Eloí, Eloí, lama sabactaní?”, que reflete a profunda tristeza de alguém que naquele momento se imolava pelo pecado dos homens. Jesus sofria naquele momento uma grande solidão e abandono quando disse “Deus, Deus meu, por que me abandonaste?” (Marcos, 15,34; Mateus, 27,46).

Esse sentimento de Jesus na cruz do Calvário, exposto com sinceridade naquele momento, foi glorificado pelo Pai, porque representou também uma oração profunda de alguém em sofrimento que encontra em Deus o consolo.

Uma das orações mais belas feitas por Jesus e registrada na Bíblia, além do Pai Nosso, que é um modelo de oração, se encontra em João, capítulo 17: é a oração que Jesus fez por seus seguidores ao longo da história, até a consumação da dispensação dos tempos (Efésios, 1,10), na qual reuniria todas as coisas em Si mesmo.

Além de ser a mais longa, revela Sua atitude natural ao enfrentar as provas da vida, pensando mais nos outros do que em si mesmo. Na oração de João, capítulo 17, Jesus ora por si mesmo (1-8) para enfrentar a prova da cruz e declara que é chegada a hora, pedindo ao Pai que “glorifique ao seu filho” para depois interceder por seus discípulos, estabelecendo a relação destes com o mundo (15-16) e a realidade cruel do mundo com seus seguidores (14) e intercede para que a grande comissão que encomendaria aos seus discípulos ao ressuscitar dos mortos (Mateus, 28,18-20) se cumpra com êxito. Essa intercessão é também por todos os crentes que viriam após, chegando a todos nós, no presente (COTTRELL, 2017).

A oração de João 17 revela a preocupação de Jesus pela missão da igreja, contemplando a necessidade da união entre os cristãos e destacando a importância de manter-se firme na Palavra, sem permitir que o mundo contamine a fé. Segundo Elwell (2001), é uma proclamação doutrinária, uma intercessão profética e uma manifestação as dimensões que o poder da oração pode ter quando se estabelece uma franca e profunda relação com o Pai para cumprir com a missão cristã.

Para Jesus, a oração não era uma forma de estar ou uma forma de ser, mas um estilo de vida. Jamais omitiu-se da responsabilidade da vida diária para orar, mas afastava-se para orar (Lucas, 9,28, 11,1, 22,41), rompendo com os costumes dos fariseus, que desejavam ser vistos quando oravam, exaltando a si mesmos, o que Jesus condenou (Mateus, 6,5).

Além disso, Jesus predicava e trabalhava durante o dia (João, 9,4) e orava nos momentos de descanso, principalmente à noite, não para evadir-se às responsabilidades que possuía, mas para preparar-se e fortalecer-se para enfrentá-las.

Em seu evangelho, Lucas se refere à oração de Jesus com maior precedência do que os demais evangelistas, mostrando o Cristo que ora em diversas ocasiões, sobretudo nos momentos mais difíceis de Sua vida, posto como modelo a todos os homens de como seguir esse exemplo para viver verdadeiramente a fé cristã.

Relata também Lucas as parábolas do Amigo Inoportuno (Lucas, 11,5-13), do Juiz Iníquo (Lucas, 18,1-8) e do Fariseu e o Publicano (Lucas, 18,9-14), cujo fundamento maior é incentivar a prática da oração.

Jesus utilizou a parábola do amigo inoportuno após haver ensinado aos seus discípulos a orar o Pai Nosso. No versículo 5 do capítulo 11, Lucas observa que através dela Jesus complementou o que estava ensinando sobre a oração:

5 Disse-lhes também: Qual de vós terá um amigo, e, se for procurá-lo à meia-noite, e lhe disser: Amigo, empresta-me três pães,  
 6 Pois que um amigo meu chegou a minha casa, vindo de caminho, e não tenho que apresentar-lhe;  
 7 Se ele, respondendo de dentro, disser: Não me importunes; já está a porta fechada, e os meus filhos estão comigo na cama; não posso levantar-me para vos dar;  
 8 Digo-vos que, ainda que não se levante a dar-lhos, por ser seu amigo, levantar-se-á, todavia, por causa da sua importunação, e lhe dará tudo o que houver mister.  
 9 E eu vos digo a vós: Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á;  
 10 Porque qualquer que pede recebe; e quem busca acha; e a quem bate abrir-se-lhe-á.  
 11 E qual o pai de entre vós que, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou, também, se lhe pedir peixe, lhe dará por peixe uma serpente?  
 12 Ou, também, se lhe pedir um ovo, lhe dará um escorpião?  
 13 Pois se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará o Pai celestial o Espírito Santo àqueles que lho pedirem? (LUCAS, 11,5-13).

A parábola sugere que Deus não se molesta quando ouve as petições do homem. Quando se pede, Deus dá. Quando se fala com Deus Ele inclina Seu ouvido ao que pede, sendo necessário confiança de que isso sempre ocorre para quem apresenta seu amor e necessidade diante de Deus. Jesus disse que as orações serão ouvidas, os pedidos considerados, pelo simples fato de que Deus é bom, comparado a um pai que não é capaz de dar algo mal ao seu filho.

Ainda sobre essa modalidade, a parábola do Juiz Iníquo fala sobre a viúva e o juiz injusto, ilustrando a importância da perseverança na oração quando se pede algo a Deus e ainda não foi recebido aquilo que se pediu. Através dessa parábola, Jesus também ensina algo mais profundo, chamando a viver no caminho correto:

1 E contou-lhes também uma parábola sobre o dever de orar sempre, e nunca desfalecer,  
 2 Dizendo: Havia numa cidade um certo juiz, que nem a Deus temia, nem respeitava o homem.

3 Havia também, naquela mesma cidade, uma certa viúva, que ia ter com ele, dizendo: Faze-me justiça contra o meu adversário.  
4 E por algum tempo não quis atendê-la; mas depois disse consigo: Ainda que não temo a Deus, nem respeito os homens,  
5 Todavia, como esta viúva me molesta, hei de fazer-lhe justiça, para que enfim não volte, e me importune muito.  
6 E disse o Senhor: Ouvi o que diz o injusto juiz.  
7 E Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele de dia e de noite, ainda que tardio para com eles?  
8 Digo-vos que depressa lhes fará justiça. Quando, porém, vier o Filho do homem, porventura achará fé na terra? (LUCAS, 18,1-8).

A parábola do Fariseu e o Publicano ensina qual deve ser a atitude correta e apropriada para aproximar-se de Deus e para que a oração seja ouvida e atendida por Ele:

9 E disse também está parábola a uns que confiavam em si mesmos, crendo que eram justos, e desprezavam os outros: 10 Dois homens subiram ao templo, para orar; um, fariseu, e o outro, publicano.  
11 O fariseu, estando em pé, orava consigo desta maneira: Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano.  
12 Jejuo duas vezes na semana, e dou os dízimos de tudo quanto possuo.  
13 O publicano, porém, estando em pé, de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!  
14 Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque qualquer que a si mesmo se exalta será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado. (LUCAS, 18,9-14).

A sugestão é que nem todo aquele que se aproxima de Deus obtém resposta para sua oração, mas quando um pecador clama a Deus com genuíno arrependimento, Deus o perdoa e o justifica, tal como ocorreu com o publicano citado nesta parábola.

Considerando o exposto anteriormente, pode-se também observar um fato muito peculiar que está presente nos capítulos 9 a 11 do Evangelho de Lucas. No capítulo 9,1-6, Jesus manda os doze discípulos que saiam a pregar e lhes proíbe de levarem consigo qualquer bem, dependendo apenas da fé e do amor dos que os recebessem.

No capítulo 10,1-12, envia setenta homens a pregar e desta vez a proibição é menos estrita, pois podiam levar duas túnicas, mas no capítulo 11,1, Jesus vai sozinho orar em um local afastado e quando terminava seu período de oração, seus discípulos pedem que lhes ensine a orar “como João (o batista) ensinou aos seus discípulos”.

Perguntando-se sobre como é possível que Jesus os enviasse a pregar antes sem haver lhes ensinado a orar, Costa e Carmo (2017) afirmam que cabem duas respostas: ou Lucas alterou a ordem dos fatos ou Jesus fez da vida de oração um modelo e não uma imposição

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo abordou o tema da humanidade de Jesus Cristo e seu objetivo geral foi apresentar os pressupostos da humanidade de Cristo, considerando as características divinas e humanas de Sua pessoa.

Inicialmente tratou da natureza dual de Cristo em uma formulação sistemática, concluindo que a natureza de Jesus Cristo é divina e humana. Cristo é Deus encarnado e sua natureza divina não se modificou na encarnação. Em Jesus Deus uniu pessoalmente a Si mesmo uma existência humana, não simplesmente agregando carne à Sua existência, mas pelas duas naturezas unidas em uma visão vital, trouxe à terra Jesus Cristo como uma pessoa humana, mas que conserva duas naturezas distintas – divina e humana.

Na encarnação a natureza divina se uniu inseparavelmente à natureza humana na única pessoa de Jesus Cristo, mas as duas naturezas permanecem distintas, completas e imutáveis, sem mistura nem confusão, para que a única pessoa, Jesus Cristo seja sempre verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem.

Abordou-se também a identidade de Jesus Cristo, do que se conclui que Jesus Cristo é a plenitude de Deus habitando em perfeita humanidade e manifestando-se como um ser humano perfeito. Ele não é a transmutação de Deus em carne, a manifestação de uma porção de Deus, a animação de um corpo humano por Deus ou Deus habitando temporariamente uma pessoa humana qualquer: Jesus é a encarnação – incorporação, personificação humana – do único Deus.

Sobre a humanidade de Cristo, a abordagem leva concluir que a importância dada à divindade de Jesus Cristo também deve ser posta sobre Sua humanidade, porque negá-la implica em uma interpretação errônea da pessoa de Cristo. As Escrituras comprovam que a humanidade de Cristo não pode ser reduzida ao mínimo sob a escusa de não sacrificar sua divindade, pois o fato de ser Deus encarnado não retira Dele os atributos humanos, precisamente necessários para que seja o Salvador das pessoas.

Sem a humanidade de Jesus, Deus não poderia ter salvado a humanidade e Jesus não poderia ser o instrumento dessa salvação. Por isso Deus se tornou um ser humano genuíno, completo e autêntico para poder redimir aqueles que são humanidade genuína, completa e autêntica.

Quanto à vida religiosa de Jesus Cristo, finalmente, conclui-se que como ser humano que sofreu e enfrentou limitações e dificuldades, Jesus seguiu a vontade de Deus e manifestou

através da oração o exemplo de como deve se portar um cristão verdadeiro diante da vida e das dificuldades, servindo como modelo de conduta.

Por fim, afirma-se que a humanidade de Jesus, indissociável de sua divindade, é a reafirmação da expressão do amor e da relação de Deus, Pai, com os homens, filhos espirituais de Deus.

Jesus Cristo é Deus verdadeiro e é homem verdadeiro, é aquele que nasceu como Filho de Deus sem pecado porque Sua encarnação é produto do amor do Pai e Sua vida humana é exemplo de harmonia, obediência e salvação.

## REFERÊNCIAS

ARRINGTON, F. L.; STRONSTAD, R. **Comentário bíblico pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

BERKHOF, L. **Teologia sistemática**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

BÍBLIA SAGRADA. Edição Almeida Corrigida e Fiel (ACF). Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1996.

CAMPOS, H. C. de. **O Ser de Deus e os seus atributos**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2019.

COSTA, G. S.; CARMO, V. do. **As vontades de Deus**. São Paulo: Editora Reflexão, 2017.

COTTRELL, J. **Fundamentos da fé**. São Paulo: Reflexão, 2017.

DUFFIELD, G. P. **Fundamentos da teologia pentecostal**. São Paulo: Editora Quadrangular, 2000.

EDWARDS, J. **A genuína experiência espiritual**. 2. reimp. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2014.

ELWELL, W. **Evangelical dictionary of theology**. 2. ed. [S.L.]: Baker Academic, 2001.

HORTON, S. M.; MENZIES, W. W. **Doutrinas bíblicas: uma perspectiva Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

SCHAEFFER, F. A. **O Deus que se revela**. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

SEGRAVES, D. **Thoughts on John 17:5**. [S.L.], 2010. Disponível em: [evidentialfaith.blogspot.com/2010/03/thoughts-on-john-175-by-dr-daniel-l.html](http://evidentialfaith.blogspot.com/2010/03/thoughts-on-john-175-by-dr-daniel-l.html). Acesso em: 25 maio. 2021.

**COMO CITAR ESTE ARTIGO**

**ABNT:** CERQUEIRA, N. A.; MARTINS, D. J. P. Cristologia: a humanidade de Jesus Cristo. **Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico**, Itaperuna, v. 07, n. I, p. 1-21. 2022. DOI: 10.20951/2446-6778/v7n1a19.

**AUTOR CORRESPONDENTE**

Nome completo: Douglas José Peixoto Martins  
e-mail: doug.peixoto@yahoo.com.br  
Nome completo: Niander Aguiar Cerqueira  
e-mail: niander.aguiar.cerqueira@hotmail.com

**RECEBIDO**

10. 10. 2021.

**ACEITO**

12. 12. 2021.

**PUBLICADO**

10. 03. 2022.

**TIPO DE DOCUMENTO**

Revisão de Literatura